

Chase se previne contra perdas no Brasil

O terceiro maior credor privado do Brasil, o **Chase Manhattan Bank**, anunciou no início da noite de ontem, em Nova York, o aumento de suas reservas em US\$ 1,15 bilhão, informa o correspondente **Regis Nestrovski**. O anúncio foi feito pelo presidente do Chase, Willard Butcher. Ele não citou especificamente o Brasil como o motivo do aumento das reservas, mas estava implícito na sua coletiva, logo após o fechamento da Bolsa em Wall Street.

"Estamos aumentando nossas reservas. A situação é instável nos mercados internacionais e com o Plano Brady de redução da dívida, os bancos terão que fazer algumas concessões", disse Butcher. Segundo o porta-voz do banco, Kevin Corrigan, o aumento das reservas corresponde a 16% dos empréstimos do banco.

Com a moratória brasileira em 1987, vários bancos tomaram a decisão de aumentar suas reservas. O Citibank foi o primeiro, ainda em 1987. O Chase tomou a decisão de ontem baseado em previsões de seus técnicos sobre o panorama econômico internacional a poucos dias do início da reunião do Fundo Monetário Internacional em Washington. O Chase tem cerca de US\$ 2,8 bilhões a receber do Brasil.

Hanover

O banco norte-americano Manufacturers Hanover Corporation — que anteontem anunciou a venda de parte de seus ativos ao Dai-Ichi Kangyo Bank, do Japão, o maior do mundo — talvez precise aumentar ainda mais

sus reservas para cobrir perdas com empréstimos duvidosos a países do Terceiro Mundo (na segunda-feira já fora divulgado um reforço de US\$ 950 milhões com essa finalidade). A previsão foi feita ontem por Christopher T. Mahoney, vice-presidente da Moody's Investors Service Inc., uma agência de Nova York especializada em cotação de dívidas.

O Manufacturers venderá ao Dai-Ichi o controle de seu grupo CIT, de financiamento a empresas, por US\$ 1,2 bilhão e receberá um reforço de US\$ 620 milhões por meio da venda de novas ações. Mahoney admitiu que "são providências positivas, que melhorarão a situação financeira da corporação". Mas, conforme acrescentou, "medidas desta envergadura já estavam previstas em fevereiro de 1988".

A Moody's enquadra as dívidas antigas do Manufacturers na categoria BAA-3, índice que se situa só um pouco acima da categoria dos **junk bonds** (papéis que não valem quase nada). Os valores mobiliários comerciais do Manufacturers têm a cotação Prime-3 — o mais baixo dos três índices sobre qualidade de investimentos usados pela Moody's.

Também analistas da Standard & Poors Corp. (SP), disseram na noite de segunda-feira que "as reservas ainda são insuficientes, e talvez sejam necessários mais aumentos no futuro". A exemplo da Moody's, a SP manteve — também em nível muito baixo — as cotações das dívidas de longo prazo e dos papéis comerciais do Manufacturers Hanover.



Arquivo/AE

Butcher: situação instável.